



Director literario:

Augusta de Carvalho
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Eduardo Colla
PAPUSSE

MAU PORTADOR

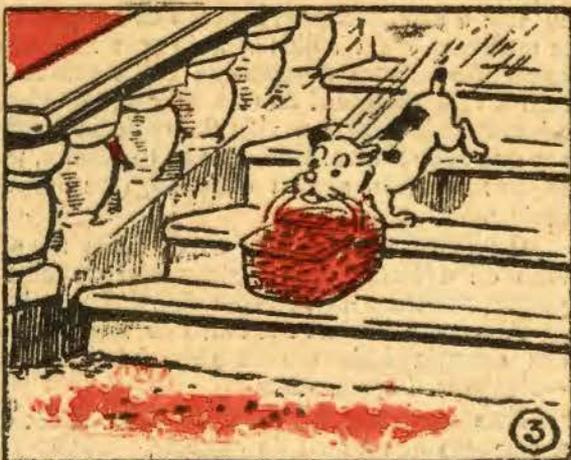
Por Augusta de Carvalho



Quando quer algum recado,
O Pedro tem um cãozinho,
Que vai depressa buscar
Tudo o que manda o Pedrinho.



Entrando este no jardim
Com vontade de lanchar,
Mandou o cão lá acima
E contente, pôs-se a esperar.



O cãozinho diligente,
Escada a baixo, muito à pressa,
Traz o cestinho do lanche
Entiado na cabeça.



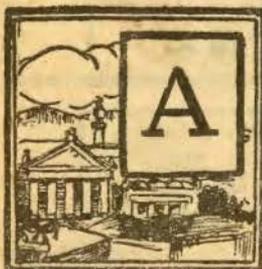
Mas, oh! desgraça inesperada,
O pobre do cão enfia
Entre as pernas do Pedrinho
Que de costas não o via.

E já podem calcular
O que foi que aconteceu
Ao Pedro, ao cão, e ao lanche
Que o Pedrito não comeu.

OS DOIS CAMINHOS

POR JOAO CAVALHEIRO

DESENHOS DE A. SERRA



O lado da casa onde eu morava, vivia uma família, o pai, Alberto Lino, sua mulher Berta, e dois filhos, Júlio e José, que já andavam na escola, contando o primeiro nove e o segundo oito anos.

Ora estes meninos faziam muita diferença um do outro. Júlio era mau estudante, malcriado, refilão, fazendo só a sua vontade, ao contrário de José, que era aplicado, acatando tôdas as deliberações desde que partissem de seus bons pais ou de seus mestres.

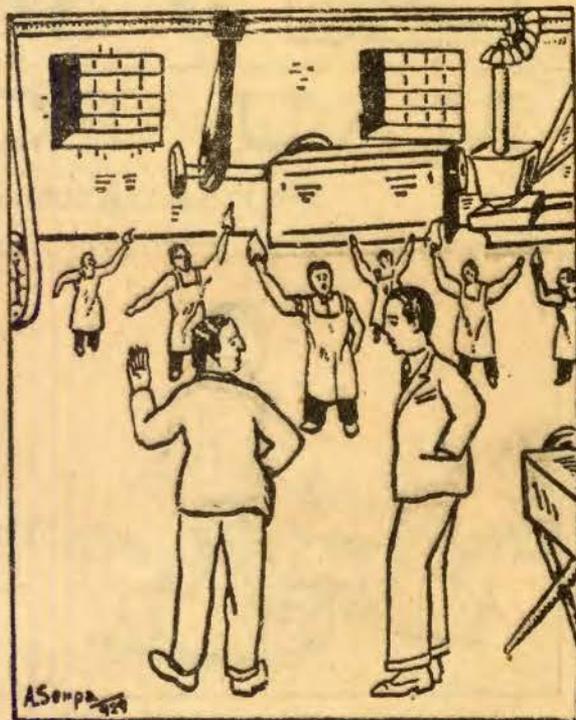
Foram crescendo, e cada qual tomou seu rumo, partindo Júlio para Paris, a fim de obter o curso de Belas-Artes, pois tinha muita vocação; José, sempre ao lado de seus pais, trabalhava afincadamente numa fábrica de moagem, tanto que seu patrão, dotado de uma bellissima alma, avaliando o seu esforço, o elevou à direcção dos trabalhos técnicos.

Isto, mais o incitou ao trabalho, e de tal modo se comportou, que o seu patrão, passados meses, retirava-se dos negócios, deixando-o no seu lugar.

Mas, antes de o fazer, dissera-lhe estas palavras: Tomo já esta resolução, devido às tuas es-

plêndidas faculdades de trabalho, pois durante tantos anos de colaboração nunca deste provas do mais pequeno desfalecimento.

Deixemos o feliz José e seus pais na imaginavel alegria desta agradável notícia, e transportemo-nos à movimentada Paris onde se encontra o



nosso Júlio que tão fracas qualidades demonstrava já, no princípio desta história.

Vamos encontrá-lo num dos muitos cafés que enchem a grande cidade, rodeado de amigos. Neste momento, dizia Júlio: Aposto cem francos em como não há aqui alguém que tenha gosado tão bem a vida como eu! A esta afirmação tôdos se calaram, pois sabiam a vida de estúrdia e prazeres que Júlio levava. Este, com ar triunfador, prosseguiu: Portanto, sou eu quem paga as despesas desta noite!

O grupo que o rodeava, e que tinha só o intuito de explorar este rapaz vaidoso e falho de pensar, aceitou o alvitre com *hurras* por Júlio!

Passava-se isto no dia cinco do mês, e no dia dez escrevia Júlio a seus pais, este telegrama: —Roubado. Peço mesada.

Este telegrama foi recebido pela família com a comoção que é fácil de calcular.

Não tardou que Júlio recebesse o producto da sua mentira, que o fez rejubilar, pois o jôgo o chamava. Era desta maneira que ele passava o tem-



po, não se aplicando na Arte, e adquirindo os mais funestos vícios.

Chegam as férias e Júlio regressa a este canteiro de flôres que é o nosso Portugal. É recebido com a mesma alegria por todos os seus, que não imaginavam a vida de boémio que ele levava.

Perguntas sobre perguntas lhe foram dirigidas sobre o seu aproveitamento, e vida, quanto tempo lhe faltava para concluir o curso, se gostara da cidade da Luz, etc.

Mas a tudo isto respondia ele, com enfado, não apreciando o amor da família!

No dia seguinte, de visita pela vila que o vira nascer, mal falou a quem o cumprimentava, só se preocupando com o trajar. Dirigiu-se à fábrica onde o irmão laboriosamente passava os dias. Júlio entrou sem ser visto, subiu ao primeiro andar onde viu uma porta com este letreiro: «Direcção». Empurrou e entrou. Não estava ninguém, pois o irmão tinha-se afastado a dar novas ordens e a vér o andamento dos trabalhos.

Relaceando a vista pelo aposento, entreabriu-se-lhe a bôca num sorriso ao vér o cofre aberto e os massos de notas empilhados. Num momento estava ao pé do cofre, onde mergulhou as mãos, enchendo as algibeiras! Em seguida a esta má acção, saiu, mas encontrou o irmão que subia, e a quem pediu que lhe mostrasse a fábrica. «Da melhor vontade te mostrarei o meu trabalho que representa uma vida de intenso esforço».

Júlio sentiu um estremecimento e o rôsto contraiu-se-lhe ao ouvir estas palavras. Chegaram à

grande casa caiada onde o ruído das máquinas atestava a actividade humana.

Os operários, ao verem os dois irmãos, largaram os seus afazeres e, erguendo as barretinas brancas, gritaram: Hurrah pelo patrão José Lino e tôda a sua honrada família.

Júlio, ao ouvir este brado, não se poudo conter, e, caindo de joelhos aos pés do irmão, implorou perdão.

— «Mas perdoar-te o quê? Ergue-te e explica-te para saber o que tenho a perdoar».

— Sim, hás-de perdoar, dizia Júlio levantando-se e encaminhando-se para o gabinete do irmão.

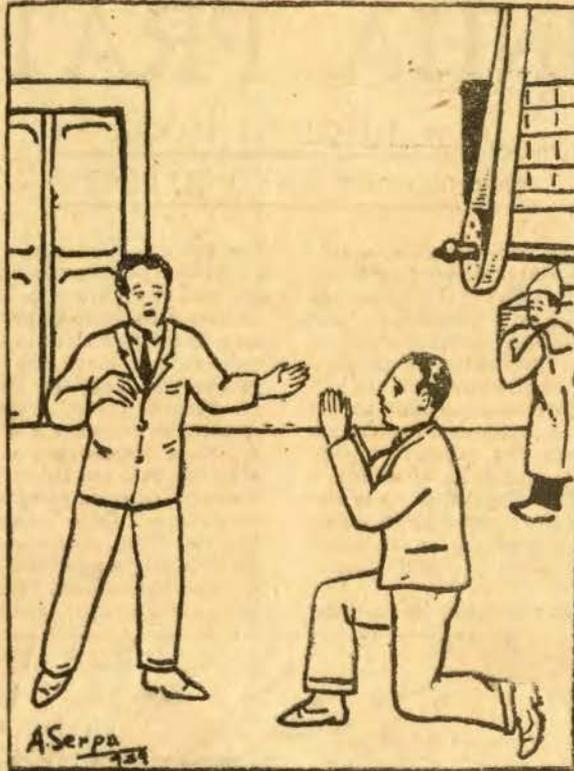
Uma vez ali, num convulsivo ataque de choro, contou ao irmão toda a sua ignomínia. José pálido e horrorisado pelo que ouvira, dirigiu a vista para o cofre; então, num acesso de nervos, caiu sobre a secretária, soluçando.

Leitor, a-pesar-da pouca idade, podes conceber no teu cérebro o que fôsse para este rapaz, trabalhador e honesto, saber o acto infame praticado pelo irmão, a quem não attribuia tão baixos sentimentos.

José mais pálido, porém, mais sereno, ergueu-se e disse-lhe: Perdô-te Júlio, confiado em que passarás a trilhar o caminho do bem, já que até agora o não fizeste.

Os anos têm passado, e agora vemos José e Júlio, este completamente regenerado, trabalharem a par um do outro, como se aquele terrível segredo não existisse e a afrontosa palavra:—ladrão, já-mais houvesse sido applicavel a um deles!

E, como sempre, mais uma vez triunfou, o caminho do bem!



FIM

ADIVINHAS

- 1 — Qual a serra portuguesa que está no firmamento?
- 2 — Qual a terra portuguesa que está nos altares?
- 3 — Qual a terra portuguesa que todos nós precisamos?
- 4 — Qual o cabo português que está na carvoaria?
- 5 — Qual a ilha portuguesa que tempera a comida?

- 6 — Qual a terra portuguesa que serve para uso culinário?
- 7 — Qual a terra portuguesa que é também um metal muito útil?
- 8 — Qual a terra portuguesa que serve para adorno das senhoras?
- 9 — Qual a terra portuguesa que serve para adorno das senhoras?
- 10 — Qual a serra portuguesa que dá nozes?



ERA UMA VEZ...

A TAINHA PRATEADA

:: Por LUCILA ROSA ::

Desenhos de ANTONIO LOPES



RA a pesca o passatempo favorito do príncipe Dagoberto. Quasi todas as tardes, quando o tempo o permitia e o professor o dispensava dos exercicios instrutivos, o príncipe mandava aparelhar o seu barquito e, acompanhado por um laçao, fazia-se rio acima, em busca dos saborosos peixinhos, que tanto apreciava.

Mas Dagoberto via-se frequentes vezes contrariado nos seus projectos, quando, em Setembro, se organizavam as

uma única peça de caça e não raras vezes vários desastres o retinham no leito por alguns dias. Parecia que um espirito mau se encarnicava contra ele durante o período das caçadas. Dagoberto tinha, habitualmente, por companheiro seu primo Baltazar e dizia-se, muito vagamente, que este ambicionando a herança da corôa, seria capaz de tentar o impossível para aniquilar Dagoberto.

Passara, porém, rapidamente aquele tempo e o príncipe herdeiro retomava o divertimento predilecto.

Nada atemorizava o destemido rapaz; tinha já sido advertido pelo seu fiel servidor de que, apesar de abundantes de peixe, eram perigosas as paragens onde costumavam aventurar-se. Com ninguem mais ousava aproximar-se daqueles sitios, juntava-se ali o melhor peixe, do qual Dagoberto fazia sempre boa colheita.

Em certa e linda tarde, uma enorme tainha, deitando a cabeça fóra da água, olhou fixamente o príncipe; os raios

grandes caçadas reais.

Embora excelente atirador, não conseguira ainda abater





do sol, incidindo directamente sobre ela, fizeram-na brilhar de tal maneira que Dagoberto, estonteado, desequilibrou-se e caiu à água.

Ouvia-se neste momento uma risada cristalina; levando o príncipe, a tainha desaparecera no seio das águas,

Na outra extremidade do barco, o laçao de nada se apercebera. Ficou aflitissimo ao notar o brusco desaparecimento do príncipe, voltando para o palácio, onde deu parte do que se tinha passado. Toda a corte vestiu luto.

Entretanto, Dagoberto, conduzido pela tainha prateada, encontrou-se daí a momentos rodeado por um cardume de tainhas mais pequenas e vulgares. Nestas transparecia de certo a maior alegria, pois saltavam, constantemente, parecendo cochichar umas com as outras.

Instantes depois chegavam em frente de um palácio a cujo portão se encontrava, de guarda, uma tainha colossal! Só esta conseguia defender o palácio das investidas de todos os outros peixes que, juntando-se em cardumes, tentavam desvendar o mistério da tainha prateada.

Entraram; causava admiração a vivenda da tainha prateada e Dagoberto quedou tempo extasiado ante a maravilha daquele palácio singular. Plantas aquáticas, entre as quais predominavam as algas, enfeitavam em forma de cachos ou grinaldas, as paredes de mármore branco rendilhadas de caprichosos desenhos.

A uma sala — talvez a mais bela — guarnecida de nenufars e pérolas rosadas, foi o príncipe Dagoberto conduzido pela tainha prateada que, em seguida, desapareceu.

Súbito, ouviu-se um estrondo formidável, que nem sequer conseguiu arrepiar os cabelos de Dagoberto, e num cenário de sonho, entre espumas transparentes e raios de luar prateado, surgiu uma princesa encantadora, seguida

por algumas aiazinhas. Dirigindo-se ao príncipe, falou ella assim: «Dagoberto! Sou a princesa Ana Maria e foi a tua destemida coragem que desfez o meu encanto. Encontro-me há tempo neste palácio, mártir das intrigas da minha corte, onde a formosura e os meus naturais predicados virtuosos atraíram a inveja daquela que eu considerava a minha velha amiga. Sei que tens um primo cuja nobreza de sentimentos deixa muito a desejar. Sei também que é elle o causador dos desastres de que tens sido vítima. Inveja tudo quanto fazes. Partamos depressa para o teu palácio, porque elle projecta faze-lo atacar, logo que sôe a primeira badalada da meia-noite».

Mal a princesa acabou de falar, apresentaram-se-lhe alguns côches puxados por alvos cisnes; para um subiram Ana Maria e Dagoberto; os outros foram ocupados pelas aias da princesa. Chegaram ao palácio de Dagoberto, onde os reis, ao tornarem a vêr o filho querido, iam morrendo de alegria.

Accedendo ao desejo de Dagoberto, seus pais enviaram logo um emissário à corte dos pais de Ana Maria, annunciando-lhes o desencanto da princesa; diziam-lhes, também, que lhe causariam o maior prazer se consentissem no casamento da princesa com seu filho Dagoberto.

A resposta foi, como era de esperar, afirmativa.

Dias depois, realizava-se a imponente cerimonia, assistindo a ella todos os parentes dos noivos, com excepção de Baltazar, que desapareceu ninguém soube como.

Estava assegurada a tranquillidade da corte.

F I M

Solução das adivinhas

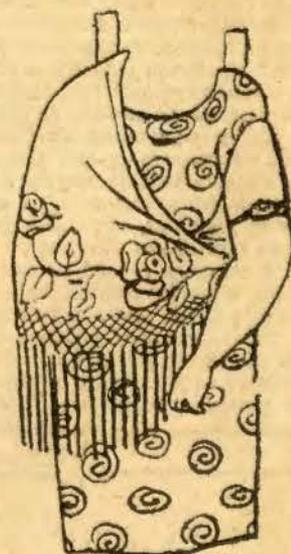
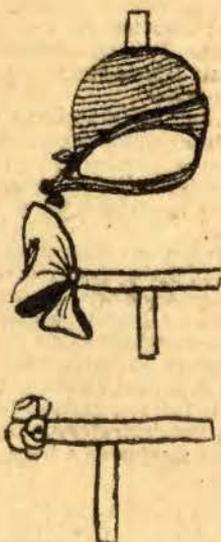
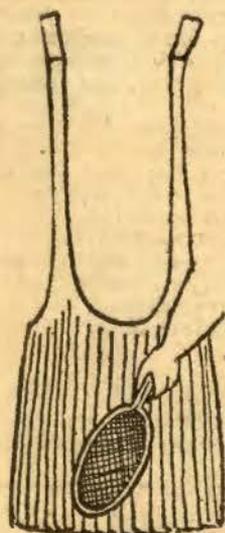
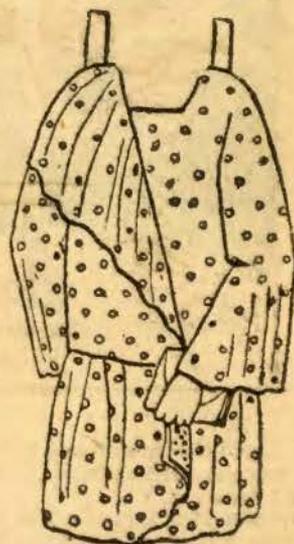
do numero 169

- 1.^a — Ilha do Fogo.
- 2.^a — Ilheus Formigas.
- 3.^a — Arquipelago dos Açores
- 4.^a — Serra Nogueira.

- 5.^a — Monte do Figo.
- 6.^a — Lagôa escura.
- 7.^a — Cabo da Roca.
- 8.^a — Gavião.

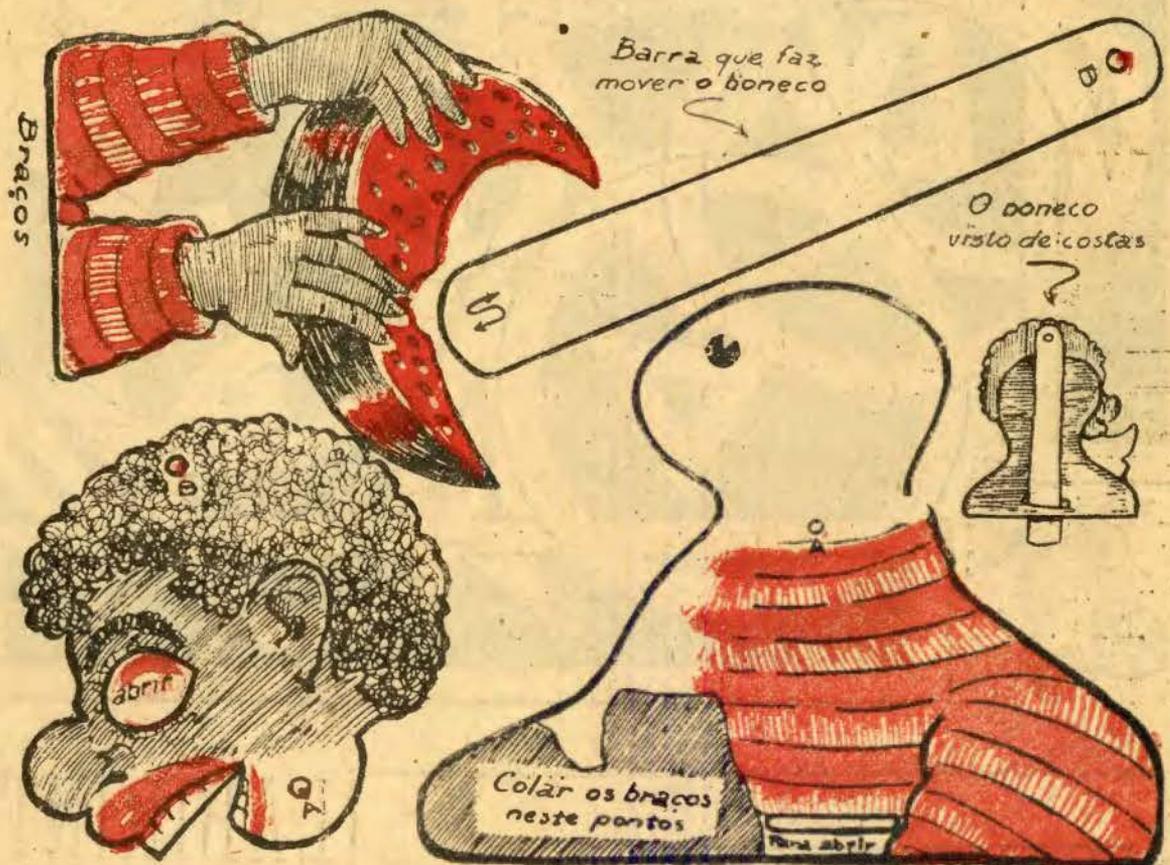
Como a Mimi veste == a sua boneca ==

Por Morenita



Novos modelos de vestidos

CONSTRUÇÃO PARA ARMAR



■ O PRETO E A MELANCOIA ■

AS construções para armar, constituem um dos brinquedos mais apreciados pelas crianças; pois, sendo construídas por elas próprias, tem a dupla vantagem de lhes ministrar uma lição de trabalhos manuais, além de os divertir.

A construção de hoje que é extremamente fácil, deverá ser colada em cartão fraco e recortadas cuidadosamente todas as peças.

Em seguida, ligam-se com duas *attaches* os pontos A e B das mesmas, abrindo o sítio do olho na cabeça do preto e a fendazita que vem indicada no sítio do peito.

O esquema junto, demonstra como fica esta construção depois de acabada.

Os colecionadores do nosso jornal que o não queiram estragar, podem copia-la por decalque para um outro pa-

pel forte, por um processo bastante simples, que consiste no seguinte:

Esfregam um pedaço de estearina pelo papel em que querem fazer o decalque, dando-lhe apenas um lustro muito ligeiro.

Depois, colocam o papel sobre o desenho, com a parte encerada em contacto com o mesmo, esfregando pela parte de trás, com a unha ou uma colher.

Com tinta contornam novamente a cópia, para que se não apague e dão-lhe as cores respectivas com aguarela.

Desta forma, não só podem fazer uma infinidade de trabalhos iguais, como também não inutilizam o jornal, o que sucederia se fizessem a cópia com papel químico.

O preto dá dentadas na talhada de melância, arregalando os olhos de satisfação.